

**“Faço parte da história desse jeito!”:  
componentes da memória e da iden-  
tidade de uma indígena guató**

*“This is my own way for taking part of  
the history!”: Guató indigenous memory  
and identity*

Eudes Fernando Leite\*  
Jorge Eremites de Oliveira\*\*

**Resumo:** Este artigo analisa a memória individual e a identidade no contexto das preocupações com o passado de sociedades indígenas “excluídas” do espaço de vivência histórica. Os autores tomaram como temática a história de vida de uma índia Guató, a senhora Francolina Rondon, ou Dona Negrinha como foi mais reconhecida em seu tempo, e cuja trajetória apresenta elementos significativos para a compreensão da forma de vida no Pantanal brasileiro, especialmente em um contexto marcado pela recuperação de sua memória como parte da memória social do grupo face aos eventos históricos relevantes para a construção da história brasileira.

**Palavras-chave:** Pantanal; Guató; Memória e Identidade.

**Abstract:** This article has dealt with the individual memory and identity of indigenous societies “excluded” from its living space of historical experience. The authors have taken as their subject the history of life of a woman Indian Guató, the Mrs. Francolina Rondon or “Dona Negrinha”, as she was most recognized in her time. Dona Negrinha’s trajectory has significant elements for understanding the way of life in the Brazilian Pantanal region, especially in a context marked by the recovered memory as part of the social memory of group related to the relevant historical events for construction of Brazilian History.

**Key words:** Pantanal; Guató; Memory and Identity.

\* Doutor em História. Professor e pesquisador da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: eudesleite@ufgd.edu.br

\*\* Professor e pesquisador da UFPel e bolsista de produtividade do CNPq. Email: eremites.br@gmail.com

## Considerações iniciais

Núbia apresentou-me a Ir. Joana D'Arc, que me indicou Ir. Ada, que me levou a Josefina, que me ensinou a língua e através de quem conheci e amei: Celso, Francolina, Cipriano, João Quirino, Estelita, Joana, Pedro, Lucinda, Vicência, Josefa, Armando, Zulmira, Xolô, Ana Maria, David, Eufrásia, Manoel, Júlia, José, Veridiano, Félix e Sebastião. Mataram Celso.

Estelita morreu de sarampo. Joana, Xolô e Ana Maria morreram de velhice e de inanição. Lucinda, Vicência e Josefa foram levadas embora... Ninguém sabe pra onde.

Pedro foi para um asilo e João, que ficou cego, foi viver com Josefina em Corumbá.

Adair Pimentel Palácio (1984, p. 129-130)

Nas últimas décadas, as preocupações com fenômenos do presente alcançaram lugar de destaque no campo das pesquisas desenvolvidas por historiadores no Brasil. Exemplo disso pôde ser notado no caderno *Mais*, do jornal Folha de S. Paulo, um dos principais do país, publicado em 17 de dezembro de 2006. Trata-se de um suplemento cultural de grande circulação nacional, até pouco tempo publicado aos domingos, o qual trouxe para seus leitores a seguinte chamada do dia: “Um guia para entender o futuro”. Tomado como uma espécie de pequeno dicionário, o suplemento publicou vários verbetes, entre eles dois diretamente ligados à História: as explicações sobre “História” e “História do Brasil”, escritas respectivamente por dois reconhecidos intelectuais da academia brasileira, os historiadores Ronaldo Vainfas e Angela de Castro Gomes, cada qual responsável por um verbebo segundo a ordem indicada<sup>1</sup>.

A presença de historiadores na mídia, especialmente na imprensa escrita dos grandes e médios centros urbanos, não é algo propriamente novo no cenário nacional. O destaque apontado fica por conta do fato de os dois professores fazerem referências ou escreverem verbetes sobre o tempo presente. Não obstante a essa situação, cumpre explicar que não é nosso propósito neste artigo – e tampouco importa aqui – estabelecer comparações entre as duas breves compreensões sobre o significado da noção e do lugar da noção do tempo presente. O importante neste trabalho é enfatizar que o destaque verificado no Caderno *Mais!* implica a presença de preocupações não propriamente com a noção, mas com os fenômenos que ela encerra. Por isso não é descabido registrar a seguinte ideia que Jacques Le Goff formulou sobre o assunto:

---

<sup>1</sup> *Caderno Mais!* Jornal Folha de São Paulo, 17 de dezembro de 2006, p. 4 e p. 9.

Toda história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente (Le Goff, 1993, p. 51).

Para Jean Lacouture (1993, p. 216), por exemplo, ter o presente como história implica querer fazer algo como uma história imediata, isto é, uma operação histórica “produzida por um ator ou uma testemunha vizinha do acontecimento, da decisão analisada”. Na perspectiva de Eric Hobsbawm, por sua vez, um estudo assim envolve ao menos três grandes problemas, a saber:

[...] o da própria data de nascimento do historiador ou, em termos mais gerais, o das gerações; os problemas de como nossa própria perspectiva do passado pode mudar enquanto procedimento histórico; e o de como escapar às suposições da época partilhadas pela maioria de nós (Hobsbawm, 1998, p. 243).

Associado a esses três problemas, há o fato de os historiadores – ainda que venham a utilizar métodos como o da história oral – também se valerem da própria memória para tratar da história do tempo recente. Sobre esse assunto, assim escreveu Le Goff em outro trabalho de sua autoria:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1992, p. 423).

Valer-se da própria memória não necessariamente implica fazer uma espécie de ego-história, como compreendem os historiadores, tampouco uma autoetnografia, como se referem os antropólogos. É, isto sim, construir uma interpretação particular e menos causal sobre o momento contemporâneo analisado, o que não implica, sem embargo, ignorar muitas das limitações e possibilidades que o calor da hora e a memória impõem a esse tipo de análise. A memória do historiador, atuando como força impulsionadora de suas preocupações, revela que a história diz respeito ao passado tanto quanto se faz presente. Dito de outra maneira, ela oportuniza incômodos aos contemporâneos e, certamente, os profissionais da História percebem múltiplas facetas nos mal-estares quando se dispõem a tratá-los.

Não é por menos, portanto, que, no Brasil e em outros países, a História tenha se aproximado cada vez mais de outras ciências sociais, como a Antropologia e a Sociologia, haja vista a crescente preocupação de os historiadores se dedicarem à compreensão do tempo presente e dos fenômenos existentes no mundo contemporâneo. Por outro lado, esse movimento de aproximação tem sido uma via de mão dupla, pois também é cada vez mais recorrente o fascínio que a História exerce sobre outros campos do conhecimento.

No caso da Antropologia, em particular, cumpre sublinhar a importância dada à dimensão cultural e às relações sociais nos estudos antropológicos em

geral. Nesses casos, a observação direta da vida social de grupos humanos, os quais vivem e interagem em determinados espaços e temporalidades, tem sido um de seus principais recursos metodológicos, o qual também é conhecido como método etnográfico. Sobre o assunto, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000), um dos pioneiros da antropologia como profissão no Brasil, explica que a pesquisa etnográfica consiste em três procedimentos básicos: “olhar”, “ouvir” e “escrever”. O *olhar* e o *ouvir* constituem parte da primeira etapa dos trabalhos, aquela que é feita em campo, qual seja, a observação e o registro etnográficos; ao passo que o *escrever* faz parte da segunda, a interpretação etnológica, isto é, a análise apurada dos dados registrados em campo.

A aproximação entre História e Antropologia é estratégica, oportuna e inovadora sob muitos aspectos teórico-metodológicos. Pode ser facilmente percebida no desenvolvimento de estudos voltados para a compreensão da história recente dos povos indígenas no Brasil, bem como nos chamados estudos culturais. Essa situação é igualmente verificada em certos estados brasileiros, como é o caso de Mato Grosso do Sul, onde a situação se apresenta como uma forte e recente tendência historiográfica no âmbito acadêmico (Eremites de Oliveira, 2001a; 2004a; Eremites de Oliveira et al., 2009).

### **Três nomes, uma atriz social: *Sadjuguiakam*, Francolina Rondon, Dona Negrinha**

Feitas as considerações iniciais, cumpre explicar que é dentro da discussão sobre a história do tempo presente que este artigo se insere. História e história de vida, memória individual e coletiva nos motivam, pois, a discutir a permanência de componentes que estruturam a história de (des)encontros entre sociedades e pessoas. A questão principal é discutir a história de vida de uma índia Guató chamada Francolina Rondon, cujo nome no idioma nativo é *Sadjuguiakam*, mais conhecida como Dona Negrinha<sup>2</sup>. Ela nasceu na

---

<sup>2</sup> Os Guató, cujo idioma nativo está filiado diretamente ao tronco linguístico Macro-Jê, constituem um povo indígena estabelecido na região do Pantanal desde tempos pré-colombianos. Os primeiros registros textuais sobre eles recuam ao século XVI, precisamente à década de 1540, quando o conquistador espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca esteve na região na condição de *adelantado* a serviço do rei de Espanha. Hoje em dia, muitas famílias Guató vivem no Pantanal e em muitas cidades da região, tanto em Mato Grosso como em Mato Grosso do Sul, como é o caso de Corumbá, onde foram feitas entrevistas com Francolina Rondon. Mais informações sobre este povo indígena podem ser obtidas nos estudos de Schmidt (1902; 1905; 1912; 1914; 1928; 1942a; 1942b; 1942c), Palácio (1984), Eremites de Oliveira (1996; 2002) e Ribeiro (2005). As três referências nominativas – identitárias – atribuídas à dona Negrinha sugerem que a mesma foi uma personagem única por conta de sua história. Ela se movimentou entre dois sistemas socioculturais em contato: a sociedade Guató e a sociedade nacional. Pode-se considerar ainda que *Sadjuguiakam* foi uma personagem que suportou em sua migração cultural, a identificação de Francolina Rondon, sua codificação entre os não-índios, acrescida no movimento de construção de relações interétnicas do “apelido” de Negrinha.

década de 1910, em uma localidade chamada Porto Conceição, às margens do rio Alegre, no território guató existente na região do Pantanal, cuja extensão abrangia uma vasta área que compreendia parte dos atuais estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, bem como certa porção da Bolívia. Faleceu em fins da década de 2000, quando residia em um bairro na periferia da cidade sul-mato-grossense de Corumbá, com mais de 90 anos de idade. Pode-se inferir que a personagem morreu como viveu, ou seja, na borda do mundo do qual era uma parte sem ter totalmente compartilhado do cosmos urbano, tampouco do território guató em sua plena extensão. Dona Negrinha repõe parte da história do colonialismo que marca o transcurso das sociedades indígenas na região platina, o que indica que a trajetória histórica brasileira e de países vizinhos contempla fenômenos inacabados, como se verá ao longo desse texto.

De acordo com os dados biográficos registrados por Eremites de Oliveira (1996), Francolina era filha de Maria Domingas, uma índia guató, e Manoel Rondon, um negro não-índio, filho de escravos libertos que ganhava o sustento como trabalhador braçal na localidade do Porto Conceição, interior do Pantanal brasileiro, próximo à fronteira com a Bolívia. Por esse motivo, a cor de sua pele era preta e seu apelido, Negrinha. Essa situação em nada tem a ver com a indianidade e o sentimento de pertencimento ao povo Guató que ela nutriu até seus últimos dias. Isto porque a etnicidade e a identidade étnica não se relaciona com a ideia de raça ou quaisquer conotações biológicas, conforme discutido por Fredrik Barth (2000) e João Pacheco de Oliveira (1998). Negrinha também dominava a língua guató e conhecia como poucos a história e a cultura desses índios canoieiros, assim conhecidos historicamente. Ela foi uma Guató porque nasceu e viveu enquanto tal, forjando e sendo forjada no meio de uma gente que legou a ela profundas razões para alimentar sua noção de pertencimento. Igualmente foi percebida como uma não Guató pela sociedade não índia, pois passou por imissão, ficando sua trajetória na sociedade envolvente e em contato com os Guató. Foi casada com Pedro, filho do conhecido “capitão” (cacique) Fernandes, quem o antropólogo alemão Max Schmidt conheceu no Porto Conceição em 1928, conforme consta em seus registros:

En un pequeño puerto estaban colocadas varias canoas típicas de estos indios y a la ribera se hallaba una casa en forma de rancho. Vivía por aquí el Guató Chico, llamado por lo común nombre de su padre «Capitão Fernandez». Su familia constaba de su mujer, de una hija adulta, de un hijo de más o menos 12 años y de un hijo adulto junto con su mujer que tenía una tez bastante oscura y estaba mestizada, ciertamente, de sangre de negro (Schmidt, 1942a, p. 44). [grifos nossos]

A referida esposa do filho do capitão Fernandez, mencionada como “mestiça” por apresentar traços africanos, era a própria Francolina Rondon, fotografada pelo etnólogo naquela ocasião. Décadas depois, um de nós a pre-

senteou com uma cópia dessa fotografia emoldurada em um pequeno quadro de madeira, o qual serviu como decoração da sala de sua casa. Seu casamento, “com um índio [Guató] que minha avó num queria que desmanchasse a nação!”, lhe rendeu cinco filhos. Ainda nas palavras dela:

Pedro Armino Francisco, era um índio bonito, mas muito bravo! Eu pensava que era por causa que eu era preta; eu falava pra ele: Você num gosta de mim! Ele respondeu: - Não, eu gosto de você! Você fala no idioma igual a nós! Você é gente do meu povo! (Entrevista Dona Negrinha, 2001).

Depois de separar de Pedro, Dona Negrinha se casou mais duas vezes.



**Figura 1** - Francolina Rondon em 1928, com cerca de 14 anos de idade, no Porto da Fazenda Conceição.

Fonte: Schmidt (1942b, Lâmina 25, Figura 2).

Setenta anos depois desse registro fotográfico, um de nós a fotografou novamente. Ainda que a primeira imagem, feita em 1928, ofereça certa perspectiva em *close* quando comparada à fotografia da década de 1990, a posição da retratada é praticamente a mesma. Firme e com o olhar fixo no equipamento de registro, magra e ombro direito mais baixo, Dona Negrinha insinua muito de sua personalidade: amável, terna e extremamente forte.



**Figura 2** - Francolina Rondon fotografada na varanda de sua casa, em 1998. (Fotografia de Jorge Eremites de Oliveira, novembro de 1998)

Francolina não se recordava de Max Schmidt, mas lembrou que vários estrangeiros mantiveram contato com os Guató que moravam no porto da Fazenda Conceição, onde viveu por anos antes de se transferir para a Ilha Ínsua, na atual Terra Indígena Guató, localizada em Corumbá.

Como é possível perceber nos trechos da entrevista citados anteriormente, o casamento de Dona Negrinha representou a manutenção de sua inserção no grupo, por meio do casamento com um “índio puro”, conforme ela definiu seu ex-esposo, Pedro, consolidando por esse ato os mecanismos que a configurariam ao longo de sua vida como uma Guató.

No curso das entrevistas, há menções sobre a cor da pele, o que em certos momentos marca uma distinção da entrevistada em relação aos demais indígenas, embora isso não tenha funcionado como um obstáculo para que ela se autodesignasse como Guató. Ainda que não seja possível aprofundar a “questão do outro” neste texto, registramos que a narrativa de Dona Negrinha traz várias referências ao diferente, e duas delas são altamente significativas. A primeira se refere à entrevistada e à cor de sua pele no contexto da sociabilidade por ela desenvolvida entre os Guató e na cidade de Corumbá,

respectivamente no contexto de uma comunidade indígena e no meio urbano. Sua “negritude” operou como forma de distintividade étnico-racial no contexto indígena, como também em sua presença enquanto Guató nos contatos com os moradores da cidade de Corumbá, os quais a enxergavam com certa estranheza. A segunda referência aponta para a alteridade estabelecida entre os grupos indígenas, especificamente na memória da entrevistada que se refere a outros dois grupos referidos como “bárbaros”, inimigos dos Guató e, numa compreensão oposta, indica os aliados definidos de forma inespecífica como “amarelos”.

A circunstância apontada é indicativa da percepção da diferença e, ao mesmo tempo, da construção de mecanismos definidores do que é estranho a si ou ao grupo. Circunstâncias distintas, mas que permitem verificar a existência de estranhamentos entre o que genericamente denominou-se por índio, sobretudo quando os acontecimentos resvalam sobre terrenos movediços como aqueles de conflitos e afetividade.

A guerra com o Paraguai (1864-1870), por exemplo, diz respeito ao passado ou à historicidade das relações entre os Guató e os luso-brasileiros, enquanto que as lembranças sobre a tez da narradora integram sua história de vida entre os indígenas e, noutro momento, entre os não índios. Trata-se de um fenômeno em que Dona Negrinha se tornou indígena e incorporou componentes da cultura abrangente, inclusive parte da memória do grupo, situação que fica explícita quando ela narra e analisa toda a sua história, revisitada a partir da cultura guató.

O reconhecimento do “outro” no interior da trajetória vital da narradora é principalmente o (re)conhecimento de si e dos seus, operacionalizado pela mecânica da tradução que permite ao estranho ser visto e compreendido fora de sua cultura. Respeitando-se as diferenças em termos de objeto e de temporalidade, François Hartog (1999, p. 251-252) salienta que a tradução “[...] visa a transportar o outro ao mesmo (*tradere*) – constituindo, portanto, uma espécie de transportador da diferença”.

### **Trânsitos: da história para a memória**

Foi com Dona Negrinha que os autores mantiveram interlocução na cidade de Corumbá, inclusive o registro de três entrevistas feitas entre os anos de 2001 e 2002, além de outros encontros e diálogos esporádicos, que ficaram registrados exclusivamente na memória dos participantes dos colóquios. Nas ocasiões, a referida interlocutora foi percebida como atriz social, agente de sua história e testemunha da trajetória de seu povo na região do Pantanal. No entanto essas três entrevistas não podem ser tomadas como temáticas ou

de vida, de forma distinta. Isso porque seu conteúdo e forma revelam que as duas modalidades se confundem e se fundem em muitos momentos<sup>3</sup>. Em boa medida, as entrevistas trazem informações sobre o grupo de Negrinha, instituindo ainda no ato da gravação a retomada da prática social da oralidade, fenômeno marcante entre sociedades tradicionais, indígenas ou não.

A memória presente no contexto das entrevistas também é um fenômeno biológico, mas ganha dimensão sociocultural porque estabelece uma corrente de transmissão entre o passado e o presente. No caso Guató, tal fenômeno adquire concretude na prática da oralidade, cuja tarefa é assegurar o conhecimento e sua reprodução entre os membros do grupo. É por meio da prática da oralidade que se representa o cosmos e a existência em seu interior.

Em tardes ensolaradas e de temperatura elevada, o que é comum em Corumbá, fomos recebidos por Dona Negrinha em sua casa. Sempre que lá chegávamos, um de nós a cumprimentava em guató: *Ohe'i* [Olá!]. E ela respondia: *Ohe'i* – assim o fazendo ao fitar os olhos nos *magari* ou não índios que estavam em frente de seu portão a cumprimentá-la em seu idioma. Depois dos cumprimentos e das perguntas sobre como estávamos a viver, dos cafezinhos de boas-vindas, sentávamos em sua varanda, cada qual em sua cadeira ou banco. Os pesquisadores de um lado, com gravador ou filmadora, e Dona Negrinha, do outro, serena, ativa, lúcida e sem qualquer inibição diante do registro da entrevista. Foi uma interlocutora singular pela capacidade de narrativa. Não apenas relatava fatos de sua infância como se houvessem ocorrido dias atrás, mas interpretava – em postura e entonação da voz – personagens de sua história de vida, como o marido, o sogro e a avó materna. Essa situação caracterizava o que Benjamin (1987) define como uma atitude de busca para preservação do que se narra, objetivando-se a reprodução da memória daquele que conta e, conseqüentemente, do grupo do qual faz parte.

Em suas narrativas – de difícil entendimento e significativa complexidade – apareceram vários elementos que favorecem a compreensão dos

---

<sup>3</sup> Essas circunstâncias se prestam para avaliarmos que a história oral, método que possibilita a construção de fontes a partir de entrevistas geralmente gravadas, não pode ser tomada de forma ortodoxa, subordinando a enquadramentos rígidos que objetivariam o controle de todo o processo de elaboração da fonte. A ortodoxia metodológica em pesquisas que enfrentam temáticas relacionadas a práticas culturais, resultantes de encontros históricos de difícil apreensão, por vezes prejudica a compreensão do fenômeno e, conseqüentemente, qualquer tentativa de explicá-lo resulta em afirmações temerárias. No caso da história oral e em situações como a presente, recomenda-se que o pesquisador tenha muita clareza da complexidade do que pesquisa, considerando ainda que a história é, antes de mais nada, uma atividade intelectual estabelecida a partir de critérios da sociedade ocidental que pouco ou nada sabia a respeito do que desde o século XVI passou a ser denominado de “índio”. A experiência construída a partir das entrevistas com Dona Negrinha permite, portanto, assegurar que a produção das fontes orais se consolida, sob o princípio de que entrevistar é estabelecer um diálogo, uma interlocução, em que os atos e movimentos de entrevistas produzem sentidos paralelos à própria narrativa gravada (Leite, 2007).

mecanismos que permitiram a ela identificar-se como Guató sem, contudo, apagar de sua memória a trajetória dos não índios que chegaram “de fora para dentro”. Esse fenômeno da presença dos não índios entre os Guató é igualmente verificado na perspectiva da microescala, mas em direção contrária se rearticula em diversos momentos e movimentos que Dona Negrinha realizou no curso de sua vida, integrando-se transversalmente na sociedade envolvente e colonizadora. Seu percurso existencial se desenhou a partir do encontro entre indígenas, descendentes de colonizadores europeus e escravos africanos libertos, o que lhe impôs a necessidade de aprender a língua guató, ainda quando criança, nos contatos com integrantes de seu grupo. Tal evento se deu ao longo de vários anos na região do Pantanal, garantindo a construção de sua identidade, sempre posta em contato com os não índios que avançavam sobre o território tradicional, transformando essas áreas em propriedades dedicadas à criação de bovinos.

Na verdade, suas narrativas estão articuladas com a própria história dos Guató. Nelas, história de vida e etno-história se fundem em um mesmo transcurso histórico e sociocultural. No interior das entrevistas, encontram-se ainda múltiplos temas relacionados ao Pantanal e aos Guató, sobressaindo-se as referências à sua vida em um contexto que mostra a sobrevivência junto aos seus parentes e até mesmo no contexto urbano de Corumbá. Temas de caráter mítico também são relevantes em suas entrevistas. Isso favorece uma visada sobre a memória coletiva que a narrativa permite atingir. Mas seria exagero tomar as entrevistas de Dona Negrinha como portadoras de uma percepção totalizadora da memória guató, especialmente porque a história do grupo é peculiar, assim como a da narradora. No entanto a memória da interlocutora é importante até mesmo pelos lapsos e incongruências que se apresentam no conjunto das entrevistas e ao serem avaliadas sob o perfil histórico dos Guató. A compreensão das entrevistas, e especialmente da narrativa que confere sentido à fonte, é tributária da concepção de que a memória da entrevistada possui um suporte na tradição cultural guató, associada às aquisições que fizeram de Francolina Rondon uma espécie de *outsider* nas duas formações culturais, quer dizer, alguém que transita entre caminhos possíveis e quase sempre instáveis, embora interligando os cosmos guató e o “branco”.

A narrativa traz informações sobre a vida da entrevistada, a qual é articulada ao contexto sociocultural em que *Sadjuquiakam* estruturou sua própria identidade. Não menos significativo que os traços indicadores das relações com os Guató são, com efeito, as referências a fatos indicativos da perda de um momento áureo que se tornou algo afastado no passado; momentos de vida que são recordados como mais ricos que o presente. Essa característica, segundo aqui se compreende, é inerente a memórias de pessoas mais idosas e que se enxergam em uma situação de desprendimento da história vivida, ainda que a contrariar parte da vontade pessoal (cf. Thompson, 1992). Em

tais circunstâncias, o presente parece perder força especialmente quando os interlocutores se referem às ligações familiares e a pessoas que morreram. Mas é importante considerar que a narrativa é um ato de memória exercido no movimento tenso entre a vida e a morte, permitindo que algo que se coloca em condições de fenecimento possa ser preservado. É novamente Benjamin quem sugere o seguinte: “A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural” (Benjamin, 1987, p. 208).

Dona Negrinha, é relevante lembrar, era uma das últimas guardiãs da memória guató; memória mestiça no interior da qual subsistiam componentes de tendências holísticas acerca da trajetória do grupo e que se referem ao período anterior à expulsão dos Guató de seu território tradicional. Embora não fosse plenamente reconhecida pelos seus como uma artesã do passado, numa das entrevistas, ela alcançou um grau de entendimento de seu *lôcus* no processo histórico. Ao ser consultada sobre o uso da entrevista para fins de pesquisa, ela respondeu:

Pode! Hoje eu tô aqui andando no meu quintal e pelo menos minha história existiu; **faço parte da história desse jeito!** (Entrevista Dona Negrinha, 2003)



**Figura 3** - Dona Negrinha e um de seus filhos.  
(Fotografia de Eudes Fernando Leite, abril de 2001)

No caso em análise, há outras questões que devem ser consideradas, sobretudo o processo de desterritorialização, isto é, da expulsão dos indígenas de seu território tradicional no Pantanal, e as consequências que isso trouxe à vida de Dona Negrinha e à dos Guató em geral. Isso porque, ao serem vítimas de esbulho, foram forçados a se deslocarem para cidades da região, como Corumbá e Ladário, em Mato Grosso do Sul, onde tiveram de se adaptar a outro modo de vida (trabalho assalariado, aluguel de moradia, compra de alimentos em mercados, preconceito étnico-racial etc.). Além disso, perderam o contato com muitos parentes, os quais, sob pressão colonialista, tiveram de se estabelecer em cidades mais distantes, como Poconé e Cáceres, em Mato Grosso, o que significou a desestruturação de uma organização social particular que mantinham em seu território de origem. A memória de Dona Negrinha preservou diversas impressões sobre esse fenômeno – e os eventos a ele ligados – que provocou um movimento diaspórico, introduzindo mudanças na trajetória histórica dos Guató, cujas consequências se estenderam também em direção à sociedade envolvente.

Constatou-se, contudo, que a lembrança de sua mãe foi um dos pontos marcantes nas entrevistas. Dona Negrinha afirma, ao ser perguntada sobre sua infância, que não se lembrava muito dela, ainda que um fio de memória permitiu a ela dizer que “[...] a única coisa que me lembro... mamava na minha mãe!”. Ao mesmo tempo, vem à lembrança o local de moradia no Pantanal, o aterro<sup>4</sup>, lugar de morada e de memória coletiva, pois esses espaços guardam fragmentos da cultura material do grupo, sendo parte da materialização do processo de humanização do território Guató no Pantanal. Na ocasião da realização da entrevista, ela afirmou: “tô [estou] sentindo sozinha porque tá morrendo todo meu pessoal!” – referindo-se aos parentes de sua geração. Nesse rememorar, a gastronomia também se faz presente: peixes, capivaras, jacarés, tatus, pássaros, cervos, veados, caititus, onças e caramujos. “Macaco não, bugio sim!” – disse, destacando contrastes com a alimentação não índia e consumida no contexto urbano, quando das gravações das entrevistas. Além de contar sobre o que o meio ambiente dispunha, também contou sobre como preparar algumas caças e certas propriedades terapêuticas de plantas e animais (ver Eremites de Oliveira, 2001b; 2002).

Contudo, a história guató é complexa o suficiente para não ser apreendida pela memória de um único indivíduo, embora certos eventos recordados possam ser associados à história do grupo e à própria história nacional. Essa situação se dá quando a narradora menciona a perda de parte do grande ter-

---

<sup>4</sup> Aterro é uma estrutura monticular parcial ou totalmente antrópica, geralmente construída pelos índios no Pantanal desde tempos pré-colombianos. Desses índios, os Guató são os mais conhecidos na etnologia, etno-história e etnoarqueologia (Schmidt, 1914; Eremites de Oliveira, 1996; 2002; 2004).

ritório guató que existia às margens do rio Paraguai. A existência desse território era nítida na memória da interlocutora. Embora difícil de ser delimitado com exatidão em termos cartográficos, ele era constantemente lembrado no curso das entrevistas. Mesmo assim, a narradora afirma que a presença dos Guató em Corumbá funcionava como uma espécie de posto que visava impedir a circulação de outros grupos “bárbaros” que viviam na região. Esse evento refere-se aos conflitos entre grupos indígenas ali estabelecidos desde tempos pré-coloniais, mas que permaneceram na memória coletiva sendo reatualizados no contexto da entrevista<sup>5</sup>:

[...] aqui em Corumbá era aldeia maior dos índios Guató! [O] Paraguai acabou com os índios daqui; aqueles que escaparam vivo desceram lá no [para a Lagoa] Mandioré, foram no [via] Porto Soares. Andaram; aí encontraram aqueles [índios] bárbaros e brigaram; aí depois que os bárbaros pego eles; aí eles compreenderem o que eles tavam falando: que tava brabo pra cá! [...]. (Entrevista Dona Negrinha, 2003)

Essa circunstância narrada por Francolina corrobora, de maneira surpreendente, com antigos registros sobre a aliança que os Guató mantiveram com portugueses e brasileiros desde tempos coloniais. Tal aliança ocorreu desde a primeira metade do século XVIII, quando bandeirantes paulistas descobriram ouro no vale dos rios Coxipó e Cuiabá, e perdurou até depois da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870), quando os Guató participaram do conflito bélico ao lado das tropas imperiais. Essa situação foi relevante para a anexação da região pantaneira ao Império Português e, posteriormente, ao território nacional. Ocorre que os Guató funcionavam como muralhas para evitar que certos povos inimigos, como os Payaguá e até mesmos os espanhóis, atacassem os conquistadores lusitanos e seus aliados.

Nas entrevistas, há menções a enfrentamentos dos Guató com outros grupos indígenas. Dona Negrinha se sustenta na memória coletiva para explicar que havia uma aliança entre os Guató e outro grupo indígena – talvez os *Matchubé* ou *Tchubé* registrados por Schmidt (1942) e Eremites de Oliveira

---

<sup>5</sup> O ato de rememorar a linearidade instituída pela cronologização mais precisa da História se perde, e aqueles acontecimentos que transformam em sustentáculos da memória agregam em torno de si muitos componentes alheios e estranhos à temporalidade do marco memorativo. Ocorre uma espécie de amálgama entre um fenômeno sincrônico e o instante em que opera pela diacronia, proporcionando um desafio para o pesquisador que precisará organizar, por meio da compreensão possibilitada pela aplicação do método, o caos que se institui a partir das informações encontradas. As entrevistas e o conteúdo narrativo se referem muito mais à memória e à organização do mundo e menos às expectativas do pesquisador que busca compreender, organizar e explicar o fenômeno ausente. Dessa forma, o trabalho de inteligência dos mecanismos que sustentam a “lógica” estruturante da memória demanda considerar o seguinte: “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas que se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.” (Bosi, 2003, p. 31).

(1995, 2002) –, sobre quem a narradora não detinha maiores detalhes. Essa aliança, em conformidade com suas informações, atuou fortemente para evitar que os paraguaios avançassem no atual Pantanal, via rio Paraguai, em direção à Cuiabá. De acordo com Francolina Rondon, em um dos enfrentamentos com as tropas invasoras, os índios organizaram emboscadas contra os soldados paraguaios e, dessa forma, impediram que eles dominassem todo o alto curso do rio Paraguai. Mas esses enfrentamentos proporcionaram a dispersão do grupo e seu afastamento das proximidades da cidade de Corumbá, no atual estado de Mato Grosso do Sul.

Ainda no contexto da guerra contra o Paraguai, a narradora informa que a presença Guató nas proximidades de Corumbá funcionava como um anteparo que deveria barrar a subida de outros indígenas, tidos como inimigos dos brasileiros. O conflito com os paraguaios provocou a destruição dessa aldeia, bem como a movimentação dos Guató em direção ao atual território boliviano, lugar em que se encontraram com os “índios bárbaro aí da Bolívia!” – um grupo inespecífico –, fazendo com que um diálogo tenso fosse estabelecido, garantindo a continuidade da viagem dos Guató<sup>6</sup>.

As informações sobre a participação dos Guató nessa guerra foram registradas em duas oportunidades distintas. Nas duas ocasiões, a narradora esclareceu que detinha tais informações por conta das histórias contadas por sua avó materna, situação que indica a relevância da memória, especialmente porque a Dona Negrinha, em nenhum momento, colocou dúvida sobre o patrimônio memorativo herdado de alguém que foi, certamente, integrante da construção da experiência do conflito com os paraguaios.

O episódio mais conhecido sobre esta questão ocorreu em 1725, quando a expedição de canoas comandada por Diogo de Souza foi atacada pelos Payaguá na barra do São Lourenço, ponto em que o rio deságua no Paraguai. Na ocasião, morreram seiscentas pessoas e sobreviveram apenas dois homens, um branco e um negro. Sobre o assunto, assim registrou o cronista José Barbosa de Sá em 1975:

[...] eram Payaguás, gentio de corso que não tinham morada certa, viviam sobre as águas sustentando-se de montaria pelo Paraguai e pantanais, gente que já em outro tempo fora aldeada pelos padres missionários da Província do Paraguai, de onde haviam fugido rebelando-se contra os padres que os doutrinavam, e que enquanto os Guatós tiveram forças, não fizeram os Payaguás aventuras por serem deles acossados e que como os brancos destruíram os Guatós, fossem também destruir os Payaguás (Barbosa de Sá, 1975, p.18). [grifos nossos]

---

<sup>6</sup> Pollak (1992) assegura que a memória, seja a individual ou a coletiva, é formada por acontecimentos de ordem pessoal ou aqueles “vividos por tabela”, com os quais o sujeito se identifica e os assimila como seus.

Muito tempo depois, quando tropas paraguaias invadiram o sul da antiga província de Mato Grosso, a fidelidade dos Guató aos brasileiros – os quais seguiam a chamar de “portugueses” – foi registrada repetidas vezes. Nos relatos novecentistas do general José Vieira Couto de Magalhães, presidente da província durante a guerra, consta a seguinte anotação:

Conserva esse povo até hoje grande animosidade contra os espanhóis; e um velho prático referia-me sempre, como se fora passado poucos dias antes, um roubo que os espanhóis haviam feito de mulheres *Guatós*, e que talvez já datasse de mais de cem ou duzentos anos. Para eles os paraguaios continuam a ser castelhanos, assim como nós continuamos a ser portugueses. Quem sabe se não foram essas mulheres, roubadas há tanto tempo, a razão da extrema fidelidade que nos guardaram sempre esses selvagens que, forçados desde o princípio da guerra a passar muitas vezes pelas rondas paraguaias, nunca denunciaram nossos movimentos ou presença nem por gesto? O Dr. Carvalhal, distinto médico do exército, que, acossado pelo inimigo no combate do Alegre, viu-se obrigado a refugiar-se entre os *Guatós*, que com eles errou por muito tempo, e que, portanto, teve espaço e vagar para notar seus costumes, insistia em suas narrações sobre o singular recato, modéstia e honestidade da família *Guató* (C. de Magalhães, 1873, p. 480-481; 1975 [1876], p.78-79 e 114-115).

Prosseguindo com o tema norteador deste artigo – a memória individual e a identidade Guató –, cumpre registrar que, na entrevista com Dona Negrinha, apareceram diversos temas que podem ser mais bem analisados a partir da seguinte perspectiva: a fonte oral adquire maior expressão ao ser submetida a uma problemática particular. Por esse motivo, o conjunto de narrativas da interlocutora, sem prejuízo das informações que traz, não pode ser analisado como uma fonte cuja estrutura funcional é exclusivamente a oralidade, tampouco de memória evocada cujas marcas são as referências às experiências rememoradas. Por isso consideramos que a memória, em definição simplíssima, [...] “no sentido básico do termo, é a presença do passado” (Rousso, 1996, p. 94). Logo, é certo que esse passado está sinalizado pelas indagações feitas à entrevistada e, ao ser retomado, aparece na entrevista como elaboração ou compreensão mediada pelo tempo e amadurecimento da entrevistada.

A história de vida da interlocutora integra o repertório das múltiplas ocorrências de integrantes das sociedades “marginalizadas” ao longo da história brasileira, nas quais um dos traços mais recorrentes – e que se apresenta como um problema irresoluto – é a expulsão de seu território tradicional<sup>7</sup>. Dona Negrinha, em vários momentos das entrevistas, diseca sua memória ao revelar os lados mais sombrios de sua vida na condição de criança, de mãe, de mulher constantemente violentada e, por fim, de uma espécie de exilada na cidade.

<sup>7</sup> Sobre a desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal, ver o estudo de Marilene da Silva Ribeiro (2005).

Do ponto de vista da História, a narrativa de Francolina Rondon também apresenta fortes referências à guerra entre o Paraguai e Tríplice Aliança, à expulsão dos Guató da Ilha Ínsua, ao período de permanência do grupo na periferia da cidade de Corumbá e às disputas políticas pela liderança do grupo no processo de retorno àquela terra indígena. Sobre este último aspecto, a narradora deixa a entender que o retorno à região pantaneira da Ilha Ínsua provocou alterações significativas na forma de condução do processo de organização do grupo e, especialmente, nos elementos que integram a sustentação das relações de poderes *no* e *sobre* o grupo. A questão de fundo é o espaço que os anciões perderam para jovens lideranças, as quais passaram a sustentar sua ação em outras bases além daquelas imanentes àquele povo, o que configura um processo de territorialização, tal qual tratado por Pacheco de Oliveira (1988).

### Considerações finais

Neste texto não procuramos esgotar os temas recorrentes nas entrevistas com a interlocutora indígena, mas destacá-los como integrantes de um referencial memorativo. Essa circunstância possui um duplo viés, qual seja o da narradora e aquele dos entrevistadores.

Constatou-se que o conteúdo das entrevistas traz duas características importantes: a memória de Dona Negrinha e as razões que articularam a provocação dessa memória por parte dos entrevistadores. Na primeira situação, a interlocutora definiu como transformaria suas lembranças em narrativa a ser partilhada com os entrevistadores, embora as indagações nos parecessem precisas. O que foi trazido para a “conversa” apareceu claramente filtrado pelos lapsos e, mais ainda, pela vontade da entrevistada em tratar daquele tema. Mesmo a respeito da presença dos Guató na cidade de Corumbá, fato decorrente da desterritorialização sofrida pelo grupo, o evento ganha um significado peculiar na entrevista, principalmente porque adquire um sentido pouco estrutural e mais pessoal.

Relativo à segunda característica pode-se apontar que os historiadores movidos pelas indagações de seu tempo, e ao voltarem o olhar para o passado, superam bastante o próprio ato de elaborar o conhecimento histórico. Com efeito, no tema em questão, surge a problemática da compreensão das particularidades regionais enquanto razão da atenção do historiador sobre as múltiplas dimensões da história de “histórias” que ocorrem nos encontros de sociedades distintas. E aqui reaparece a questão central da pesquisa e, ainda, do que praticamos atualmente na condição de historiadores: ao focar a entrevista de Dona Negrinha, configura-se a compreensão de que há fenômenos recorrentes na história brasileira que se misturam ao processo de consolidação do entendimento de que há uma sociedade definida historicamente.

Portanto, a memória – ou fragmentos dela – que aparece nas entrevistas é tomada como componente de uma história de inserção e diálogo individual na sociedade nacional, embora essas mesmas entrevistas reflitam experiências que são também dos Guató. Eventos de expressão significativa para a história brasileira, como o avanço sobre as fronteiras castelhanas e, mais tarde, a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, reluzem na narrativa de Dona Negrinha, funcionando como marcos referenciais do passado do grupo em relação à sua própria existência. Diz respeito, ainda, a uma memória na qual a escala opera do macro em direção ao micro, ou seja, do sujeito no curso da história indígena Guató. Francolina Rondon não esteve no campo de batalha, durante a guerra em que os Guató foram aliados do Império Brasileiro, mas o conflito é um “aterro memorativo” na sua história de vida, preservando sólidos fragmentos da memória coletiva – do grupo – e assegurando a articulação da identidade individual da entrevistada. E o olhar dos pesquisadores sobreposto ao da entrevistada permite, pois, o estabelecimento de um conjunto informativo sobre um povo que se transformou como resposta aos contatos interétnicos em um ambiente colonialista.

Tomando-se esses pontos, é possível considerar que os estudos compreendidos como pertinentes ao tempo presente trazem, de fato, para a pauta historiográfica as continuidades da história. Se considerarmos que há uma história *do hoje*, esse fenômeno decorre do alargamento da noção de história e mesmo de sua tradicional ligação com o passado. A memória e a identidade parecem estar distantes de uma finalização enquanto objeto de análise no campo histórico porque ambas conferem algum tipo de sentido ou identidade ao fazer historiográfico. É nessa teia do presente que se encontra nossa relação sistêmica com o pretérito e configura o ato propositivo de uma compreensão sobre o passado, ainda que ele seja estabelecido como problemática do tempo presente.

\* \* \*

Agradecimentos: Os autores agradecem a Francolina Rondon (Dona Negrinha) pela gentil acolhida em sua residência, na cidade de Corumbá, e pela atenção dispensada aos pesquisadores. Sem sua colaboração, este trabalho não seria possível, motivo pelo qual o artigo é dedicado à sua memória.

## Referências

BARBOSA DE SÁ, José. *Ralação das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso de seus principios thé os presentes tempos*. Cuiabá: Editora UFMT, 1975 [1775].

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Organização de Tomke Lask. Tradução de John C. Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e a história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.197-221. (Obras Escolhidas, I).

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CADERNO MAIS! *Jornal Folha de São Paulo*, 17 de dezembro de 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Guató: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: Edpucrs, 1996.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. A história indígena em Mato Grosso do Sul: dilemas e perspectivas. *Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, n. 2, v. 2, p. 115-124, 2001a.

\_\_\_\_\_. Acuri, a palmeira dos índios Guató. *Suplemento Antropológico*, Asunción, n. 36, v. 1, p. 355-386, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal*. 2002. Tese (Doutorado em História/Arqueologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge (Org.). Dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em História do Campus de Dourados da UFMS (2000-2004). *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, v. 8, n. 15, p. 145-182, 2004a.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Arqueologia das sociedades indígenas no Pantanal*. Campo Grande: Editora Oeste, 2004b.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge et al. Autor, obra e meio: apresentando um etno-historiador. Entrevista com o Prof. Dr. Antonio Jacó Brand. *História em Reflexão*, Dourados, n. 3, p. 1-15, 2009.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história: ensaios*. 2. ed. Tradução de C. K. Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Tradução de I. Ferreira et al. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. A história nova. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. 2. ed. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 25-64.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. 2. ed. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.216-240.

LEITE, Eudes Fernando. Da experiência à narração da singularidade: a história oral e suas possibilidades. In: LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico (Org.). *Oralidade e Literatura 2: práticas culturais, históricas e da voz*. Londrina: Eduel, 2007. p. 95-117.

\_\_\_\_\_. *Marchas na História: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Campo Grande: Editora UFMS, 2003.

MAGALHÃES, José V. Couto de. Ensaio de antropologia: região e raças selvagens. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 359-508, 1873.

\_\_\_\_\_. *O selvagem*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 1, p. 47-77, 1998.

PALÁCIO, Adair P. *Guató: a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*. 1984. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Marilene da S. *Uma ilha na história de um povo canoeiro: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal (século XX)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, MS, 2005.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: EFGV, 1996. p. 94-101.

SCHMIDT, Max. Die Guató. *Verhandlungen der berliner anthropologischen gesellschaft*, Berlin, p.77-89, 15 feb. 1902.

\_\_\_\_\_. *Indianerstudien in Zentralbrasilien: erlebnisse und ethnologische ergebnisse einer reise in den jahren 1900 bis 1901*. Berlin: Dietrich Reimer, 1905.

\_\_\_\_\_. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, n. 44, v. 1, p. 130-174, 1912.

\_\_\_\_\_. Die guato und ihr gebiet: ethnologische und archäologische ergebnisse der expedition zum caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv*, Berlin, v. 4, n. 6, p. 251-283, 1914.

\_\_\_\_\_. Ergebnisse meiner zweijährigen forschungsreise in Mato-Grosso: September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, n. 60, v. 1-3, p. 85-124, 1928.

\_\_\_\_\_. *Estudos de etnologia brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901 – seus resultados etnológicos*. Tradução de C. B. Cannabrava. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942a.

\_\_\_\_\_. Resultados de mi tercera expedición a los Guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, v. 5, n. 6, p. 41-75, 1942b.

\_\_\_\_\_. Resultados de minha expedição bienal a Mato-Grosso. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 14-17, p. 141-285, 1942c.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

*Fontes Orais*

ENTREVISTA Dona Negrinha (Francolina Rondon). Prod. Jorge Eremites de Oliveira e Eudes Fernando Leite. Corumbá: UFMS, 2001. ~120 min. Son. Cassete. [áudio]

ENTREVISTA Dona Negrinha (Francolina Rondon). Prod. Jorge Eremites de Oliveira e Eudes Fernando Leite. Corumbá: UFMS, 2001. ~40 min. Son. Cassete. [áudio]

ENTREVISTA Dona Negrinha (Francolina Rondon). Prod. Marilene Silva Ribeiro. Corumbá: UFMS, 2003, ~50 min. Son. Cassete. [áudio]

**Recebido em 1º de abril de 2012**

**Aprovado para publicação em 28 de junho de 2012**